

## RECADO DE PARIS

PARIS, junho — "E' perfeitamente normal — me diz o cônsul Jayme de Barros. Estou há quatro anos em Paris e agora fui chamado para servir na Secretaria de Estado. Não tenho nada a comentar sobre o assunto".

Mas a verdade é que, nos círculos brasileiros, toda a gente comenta. Em primeiro lugar porque é com tristeza que vemos partir esse excelente diplomata que não esqueceu sua natureza de homem de letras e homem de jornal. A casa de Jayme de Barros e sua senhora, em Paris, é um generoso lar sempre aberto aos brasileiros que vão passando. Na última Noite de Natal lá encontramos brasileiros de todas as categorias, ali reunidos como se fôsse uma grande família.

As excelentes relações que fez no mundo intelectual, artístico, social e oficial da França — Jayme de Barros as mobiliza com uma presteza comovedora a favor de cada brasileiro que o procura. São pintores pobres, são musicistas que querem dar um recital — e uma de minhas tristezas de Paris é viver fugindo, constrangido por desagradar gente tão gentil, a convites para essas reuniões que na "Maison de l'Amérique Latine" ou em sua própria casa, Jayme organiza para dar uma "chance", de mostrar sua arte, a um brasileiro que chega.

Um homem assim, que não se limita a cumprir seus deveres regulamentares e exercer friamente seu cargo, não é novidade no corpo diplomático brasileiro — mas também não se encontra a três por dois. Eu mesmo pessoalmente já joguei para cima de Jayme de Barros os problemas de vários brasileiros aflitos — e o vi pageá-los com paciência e doçura.

Ora, talvez isso não seja boa política. "Faire le mort!" aconselhava o astuto chefe de certa missão brasileira, sempre que um funcionário seu falava em tomar alguma iniciativa que achava útil.

Nada de aparecer, nada de se fazer lembrar, quando se tem um posto confortável; o melhor é seguir, em silêncio, a mais estrita rotina...

Mas faço questão de deixar registrada aqui, por menos que deseje nela acreditar, a versão corrente em Paris sobre o afastamento de Jayme de Barros. Ela teria sido precedida de denúncias enviadas a alto lugar. Denúncias minuciosas e terríveis: o cônsul Jayme de Barros teria cometido a loucura de receber brasileiros sem levar em conta sua coloração política. O nojento policialismo dessa história, tudo o que ela exprime de mais repugnante às melhores tradições da diplomacia brasileira — isso me faz hesitar em registrá-la, e ao mesmo tempo me convenceu de fazê-lo.

Quando penso na indignação magnífica do velho Souza Dantas — que tem hoje um discípulo como embaixador na França — apenas porque um presidente da República, em telegrama cifrado, mandou lhe perguntar quais eram os diplomatas de outros postos que estavam no momento, sem licença, em Paris! "E' perfeitamente normal" — me disse Jayme de Barros, quando lhe fui levar meu abraço de velho colega de redação e saber o motivo de seu afastamento.

Sim, hoje em dia talvez seja.

3. 6. 50

R. B.